

---

## Por uma semiótica gaguejante em Deleuze & Guattari: possíveis veredas para pensar uma comunicação intensiva <sup>1</sup>

Diego Frank Marques Cavalcante<sup>2</sup>

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

**Resumo:** O propósito desse artigo é apresentar um procedimento didático para pensar uma comunicação intensiva e uma semiótica gaguejante. Para isso, será capturado o conceito de agenciamento proposto por Deleuze & Guattari. O agenciamento é composto por uma tetra-valência: regimes semióticos e máquinas concretas, por um lado, e processos de des-territorialização e re-territorialização, por outro. Essa tetra-valência se movimenta em consonância com a dinâmica das linhas esquizoanalíticas que são: linha molar, linha de fuga e linha molecular. Um agenciamento comunicacional intensivo promoveria conexões inovadores que resultariam em semióticas gaguejantes ou menores.

### Introdução:

A filosofia da diferença de Gilles Deleuze, segundo Machado (2009), privilegia a diferença em detrimento da identidade e da representação; a ética em vez da moral; do agenciamento antes das estruturas; os encontros em vez do sujeito; o acontecimento no lugar da essência; a singularidade em detrimento da universalidade. Mas o que significa a diferença para Deleuze?

De forma simplificada, em uma sentença: trata-se de deformar as identidades dominantes; abri-las para novas conexões por meio de encontros que caotizam a linguagem, impedindo-a de meramente representar. Se os esquemas de representações não dispõem de signos para expressar tais encontros, eles precisam ser experimentados, inventados ou diferenciados, nos termos de Gilles Deleuze (2009).

Em uma filosofia da diferença como a de Deleuze e Guattari, é preciso também valorizar o caráter imanente e ético da produção de sentido em detrimento do aspecto moral e eminente. A eminência é pressuposta por uma hierarquia moral que cria um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa em semiótica da comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Professor Adjunto na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Leciona na Facom (faculdade de comunicação) e na FAPSI (Faculdade de Psicologia). Coordenador do grupo de pesquisa em semiótica e esquizoanálise (CNPq).

---

esquema de expectativas e valorações. Esses esquemas eclipsam a ação do caos e da imprevisibilidade enquanto elementos genéticos da diferença.

Por outro lado, a imanência privilegia os novos encontros, as experiências, as intensidades, posto que privilegia o encontro com o “fora caótico” em detrimento da segurança “molar” dos encontros regidos pela moral<sup>3</sup>. É senão a partir da captura do indizível que as expressões são renovadas: é que se torna estrangeiro em sua própria terra ou se faz a linguagem gaguejar?

É verdade que, na obra de Deleuze & Guattari, é possível encontrar uma comunicação dominante marcada pelo controle, redundância identidade, informação e representação. Trata-se de um agenciamento comunicacional molar axiomatizado ao sistema do capital.

Interessa-nos, no entanto, capturar outro tipo de agenciamento comunicacional. Tratar-se-ia de um processo de comunicação intensiva que produz uma semiótica gaguejante. Intensiva porque privilegia encontros experimentais. É por ser produzido em um encontro experimental que a linguagem gagueja. Isso porque, os esquemas de representação dominantes e seus binarismos são incapazes de classificar o encontro.

Nesse tipo de agenciamento comunicacional: a relação com o fora não é pautada pela identidade e representação, mas antes pelo devir. Em vez do bom senso dominado pelo controle e palavras de ordem, emerge o paradoxo derivado de acoplamentos heterogêneos e suas monstruosidades. Poder-se-ia designar como balbucios ou palavras de desordem.

No próximo tópico destacaremos a noção básica de agenciamento e de linha molar. Trata-se de destacar o agenciamento que privilegia o poder, a conservação e comunicações estabelecidas.

---

<sup>3</sup> Em Cavalcante (2020) destacamos a importância da imanência para a compreensão dos processos de criação em Deleuze e Guattari. Nesta trama, é importante frisar também a relação entre violência, diagrama, devir e os processos de atualização-diferençação.

---

## 1. Agenciamento e poder: da comunicação molar e conservadora

Um dos conceitos-chave para compreender a filosofia da diferença de Gilles Deleuze & Félix Guattari é a noção de agenciamento: “A unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados” (DELEUZE & PARTNET, 1998, p. 69)

Mas o que é agenciamento<sup>4</sup>? O agenciamento é um sistema aberto de conexões virtuais/atuais e possíveis/reais que modulam graduações de conservação, transformação ou mesmo de destruição e esfacelamento de um dado território. É um modo de produzir diferença e, ao mesmo tempo, relacionar-se com o diferente. Este último podendo ser tomado como aliado, inimigo ou marginal.

A dinâmica do agenciamento é marcada por uma tetra-valência: por um lado, máquinas concretas e regimes semióticos; por outro lado, processos de territorialização, desterritorialização e re-territorialização. Essa tetra-valência deve ser investigada a partir da relação entre três linhas: molar (sedentária), molecular (migrante) e linha de fuga (nômade). O que Deleuze & Guattari chama de cartografia, micropolítica ou esquizoanálise, consiste na análise do funcionamento destas linhas:

Aquilo que chamamos de muitos nomes-esquizo-análise, micropolítica, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia- tem apenas como objeto o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos (DELEUZE & PARTNET, 1998, p.152).

Para entender a produção de fluxos semióticos gaguejantes é preciso, antes, compreender sua lógica complementar, as semióticas maiores ou dominantes. Para isso, é importante entender a noção de território. O território é um espaço que comporta uma assinatura, ou seja, que se distingue do “fora<sup>5</sup>” pelo modo como suas máquinas e semióticas produzem fluxos, ou seja, o território está relacionado diretamente com duas das valências do agenciamento: as máquinas e os regimes de signos.

Vamos tomar como exemplo uma sala de aula. Ela tem máquinas e regimes semióticos que produzem fluxos de educação normalizados, é sua assinatura. As

---

<sup>4</sup> Em Cavalcante (2020) aprofundamos a noção de agenciamento. Neste texto, interessa apenas apresentar uma síntese dos aspectos principais de modo a tornar o conceito mais didático.

<sup>5</sup>

---

máquinas caracterizam o corpo do território. Um tipo específico de cadeira, com dado material, um modo de organizar as cadeiras, uma lousa, um projetor, maquinados de dada forma.

Por outro lado, existe todo um regime semiótico de protocolos: levante o dedo se quiser perguntar; leram o texto?; Chamada!; Façam um círculo, hoje é debate; Abram o livro na página 33! Semana de provas! É senão o poder que mantém a conservação das máquinas concretas e dos regimes semióticos normalizados.

Essas máquinas e regimes semióticos estão sob o privilégio de uma linha molar-estriada, a linha que privilegia a conservação de um dado ritmo (ritornelo territorial). Poder-se-ia dizer que a linha molar teria quatro características principais que caracterizam o privilégio da conservação do território: arborescente, binária, circular, segmentária.

A organização arborescente (árvore) traz consigo os seguintes aspectos: centralizado (centros de significância-sujeição), hierárquico, decalque-reprodução, memória longa e unificador.

O indivíduo é inserido em uma cadeia de ligações preexistentes que computam suas possibilidades de conexões, ou seja, é uma relação centralizada e fundamentada por uma memória longa: família, Estado, cultura etc. É um regime significante e de sujeição, ou seja, o processo de sentido se desenvolve a partir de uma arbitrariedade que marca o rosto do sujeito em cada esfera de ressonância: aqui você é um aluno e este é seu rosto. Deve ler os textos, seguir os comandos do professor, fazer provas etc.

Diz-se que é um regime significante porque a produção de sentido está sujeitada a um centro produtor de ressonâncias. É nesse sentido que é um sistema arvorecente. É uma árvore da qual do tronco se deduz os galhos e destes, as folhas como elemento mais marginal do território, mantendo, ainda sim, uma unidade: “Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução [...] A árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como folhas da árvore” (DELEUZE & PARNET, 1998, p.157).

A linha molar também segue uma lógica binária e não apenas dualista. Ela precisa colocar tudo dentro do modelo de avaliação sucessiva para garantir sua organização. No binarismo nada escapa: se você não é A nem B, então, é C. Cada binarismo se estabelece em consonância com um dispositivo de poder que organiza o território (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.67).

---

Nesse sentido, ao adentram em uma sala de aula, torna-se um aluno; é um aluno ou aluna? Nem um dos dois, então, é um alune; tens “problemas de cognição, então é um alune “especial”. As linhas molares axiomatizam qualquer possível variação em binarismos no sentido de classificar-controlar-normalizar-prever.

A linha molar, portanto, funciona em favor de um plano de organização que busca a estabilização do território, sua assinatura, seu rosto bem como sua conexão com a máquina de estado.

Em nosso exemplo é a produção de fluxos educacionais em seu funcionamento estriado, normatizado <sup>6</sup>: estude para se tornar alguém; tornar-se alguém é ter uma profissão; é ser bem-sucedido; é ganhar dinheiro; é dominar a técnica; é ter poder etc.

Em um processo de comunicação-molar, portanto, o caos é constantemente expulso em favor da construção de rostos que configuram um regime de signos significante. Trata-se de uma comunicação maior que privilegia a representação, a regognição e a previsibilidade.

Por oposição a esse tipo de agenciamento comunicacional, haveria um outro marcado pela intensidade e por uma semiótica gaguejante. No próximo tópico falaremos sobre este outro modo.

## 2. Comunicação intensiva e semiótica gaguejante: da linha de fuga para a molecular

A linha molar é apenas uma das linhas que compõe o agenciamento. Ela está em constante relação com as duas outras linhas: a linha de fuga e a linha molecular. Se a linha molar privilegia a territorialização, ou seja, a conservação do território, a linha de fuga prioriza o movimento de desterritorialização ou nomadismo.

Poder-se-ia destacar cinco características da linha de fuga: desterritorializante; a-significante; a-segmentada; a-centrada; traidora; opera a conjunção de fluxos

---

<sup>6</sup> É importante sublinhar que o território não cessa de ser assaltado por encontros que levam o território a gradações de entropia que tentam ser compensada pelos dispositivos da linha molar. Há sempre um encontro que faz fugir uma linha de fuga que abre o território para o plano de imanência, ou seja, para fluxos descodificados com outras velocidades, temporalidades que problematizam os esquemas de poder e representação do território. Não é por acaso que Deleuze e Guattari caracterizam a linha molar como sedentária.

---

descodificados; e nômade. Antes de tudo é desterritorializante porque escapa do território. Dessa primeira característica derivam as seguintes, a saber.

Se a linha de fuga abandona o território, logo, trai os esquemas de representação centrados no significante-rostos, ou seja, é a-significante. Ora, ao mesmo tempo, também desfaz os segmentos e suas hierarquias de poder que classificam o indivíduo (a-binarismo). É nesse sentido que uma linha de fuga é traidora: ela trai o rosto e a segmentação que marcam o território. “Traem-se as potências fixas que querem reter-nos as potências estabelecidas da terra” (DELEUZE & GUATTARI, 1992.p. 54).

A linha de fuga opera em um nível de fluxos descodificados, promovendo a conjunção com novos fluxos, uma diferenciação. Os Fluxos descodificados operam em velocidades e tempos imperceptíveis e antecedem qualquer estratificação: seja ela criativa, seja microfascista ou de morte, estão em um plano das virtualidades: “O imperceptível é o caráter comum da maior velocidade e da maior lentidão. Perder o rosto, franquear ou perfurar o muro, limá-lo pacientemente” (DELEUZE & GUATTARI, 1992. p.158).

A linha de fuga experimenta novas conjunções entre fluxos, colocando em contato anômalos de territórios diferentes: seres das bordas ou margens dos territórios desterritorializados. A potência da linha é abandonar o rosto e experimentar novas conjunções de fluxos:

O anômalo está sempre na fronteira, na margem de uma banda ou de uma multiplicidade; faz parte dela, mas fá-la já passar para outra multiplicidade, fá-la devir, traça uma linha entre. É também o outsider (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 58).

É preciso destacar que o território é sempre assaltado por linhas de fuga. Há sempre uma violência do “fora” que esbarra no território, fazendo-o vacilar. Mas o que significa virtualidades? Fluxos a-significantes? Multiplicidades? Para compreender a linha de fuga é preciso destacar a fundamentação imanente da filosofia de Deleuze & Guattari, a saber.

Significa dizer que as três linhas coexistem em velocidades-tempos diferentes. É verdade que um aluno presta atenção na aula, copia, deseja aprender a técnica para ser

---

um engenheiro, jornalista ou psicólogo. Ao mesmo tempo, no entanto, é atormentado pela aula, cálculos, fórmulas, puro tecnicismo, ele foge. Pensa no filme que assistiu, no Instagram e as possíveis curtidas que pode ter recebido, nas mensagens do WhatsApp, em trancar a faculdade, em furar o pneu do professor ou mesmo lhe dar um tiro?

Por ser experimental nunca se sabe onde pode cair uma linha de fuga: no Édipo? na lógica do consumo? no microfascismo? As linhas têm seus perigos. É preciso estar preparado para os devires. Em uma sociedade da velocidade (dromocracia), da alta performance, da “meritocracia”, produz-se uma “auto-violência” generalizada: uma lógica social da ansiedade. Nesse processo, para onde irão essas linhas de fuga?

Se a linha molar privilegia a segmentaridade e assinatura do território; a linha de fuga a desterritorialização, o nomadismo a-significante e impensável; a linha molecular privilegia uma re-territorialização inventiva. Se a linha de fuga abre o território para o caos, a linha molecular captura o caos para o território, revitalizando-o.

Uma semiótica gaguejante é um regime de signos menor, ou seja, que se insubordina aos regimes significantes e seus esquemas de segmentação-binarização e instaura novas possibilidades expressivas.

Não se trata de acrescentar, na linha, um novo segmento aos segmentos precedentes (um terceiro sexo, uma terceira classe, uma terceira idade), mas de traçar uma outra linha no meio da linha segmentária, no meio dos segmentos, que os arrastará segundo as velocidades e lentidões variáveis num movimento de fuga ou de fluxos (DELEUZE & PARNET, 1998 p.158).

A linha molecular, portanto, “abre mão” do poder, da dominação, da autoridade, para priorizar a potência. O que isso significa? Aumentar a potência significa ser capaz de ser afetado por outras formas e, ao mesmo, produzir novas formas de afetação. A noção de devir é fundamental para entender essa dinâmica.

Devir é um processo de “des-subjetivação”, produção de novas formas de existência. Essa desconfiguração do sujeito está ligado às capturas, contaminações, alianças, aos encontros com o fora: é invasão do caos, que promove acoplamentos melódicos com outros territórios. Nesse sentido, devir jamais é representar ou imitar, é antes “enlaçar” acoplados heterogêneos e dessa aliança forjar um “meio”, um entre, intermezzo, uma involução: “[...] o devir é involutivo, a involução é criadora [...] involuir

---

é formar um bloco que corre segundo sua própria linha, ‘entre’ os termos postos em jogo, e sob relações assimiláveis” (DELEUZE & GUATTARI, 2007, p.19).

O devir é processo que passa entre (*intermezzo*) os termos em um encontro: devir-mulher, devir-criança, devir-animal, devir-molécula: “É uma zona de indeterminação, de indiscernibilidade, como se coisas, animais e pessoas tivessem atingido, em cada caso, esse ponto que precede sua diferenciação natural” (DELEUZE & GUATTARI, 2010 ,p.205). É exatamente por estar “entre” os reinos, no meio, que o devir<sup>7</sup> promove zonas de indiscernibilidade entre os termos binários: entre Homem-mulher, Homem-criança, Homem-animal, Homem-molécula.

No lugar de buscar o binarismo, a segmentação, abre-se para ressonâncias com outros territórios, capturar conveniências, promover uma re-territorialização que atualiza uma monstrosidade singular ao invés de buscar a conservação de um rosto.

A linha molecular, portanto, tira consistência do próprio devir, da imanência do encontro e não do poder molar. Nesse sentido, se uma comunicação significativa estaria no fundamento de uma linha molar, por outro lado, uma comunicação intensiva estaria relacionada a uma produção molecular.

O que significaria uma comunicação intensiva? Para tornar a apresentação didática, diferenciaremos de uma comunicação extensiva-molar. Nesta última, os “circuitos de afetos estriados”, gerando um esquema de expectativa e julgamento para os encontros a partir de dados papéis sociais estabelecidos. Se entro na sala, sou aluno, sou afetado de dada maneira pelos colegas, pelo professor etc.

Por outro lado, a comunicação intensiva-molecular promoveria um outro modo de afetação: em vez de previsibilidade, uma comunicação experimental; em vez de rostos que estabelecem dicotomias-binarismos classificatórios, emergem monstrosidades que rasgam os esquemas convencionais de representação; em vez de circuitos estriados de

---

7 O devir-animal, por exemplo, é um processo intensivo constante na literatura de Kafka:

“Os animais de Kafka não remetem jamais a uma mitologia, nem a arquétipos, mas correspondem somente a gradientes ultrapassados, zonas de intensidades liberadas em que os conteúdos se fraqueiam de suas formas, não menos que as expressões dos significantes que as formalizava. Nada além de movimentos, vibrações, limiares, em uma matéria deserta: os animais, os ratos, os cães, os macacos, as baratas, distinguem-se somente por tal ou qual limiar, por tais ou quais vibrações, por tal caminho subterrâneo em um rizoma ou toca” (DELEUZE & GUATTARI, 2014, p. 27-28).

---

interação, uma rede aberta de devires. Uma comunicação intensiva é uma busca por intercessores:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas- para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas- mas também coisas, plantas, até animais [...] É preciso fabricar seus próprios intercessores (DELEUZE, 1992. p. 156).

Nesse sentido, se uma comunicação intensiva “rasga” os modelos de representação do outro e de si, deforma-se as dicotomias e os binarismos. É nesses buracos, fraturas ou vazios que se produz uma semiótica gaguejante. São os signos experimentais produzidos nos encontros imprevistos que renovam os territórios.

É possível destacar esse agenciamento comunicacional intensivo e sua semiótica gaguejante em vários trabalhos de Deleuze e Guattari: na literatura, na pintura, no cinema e mesmo na etologia. Deleuze (2007), por exemplo, toma o Pintor Francis Bacon como intercessor e destaca as ressonâncias ou simpatias entre o aludido pintor e a vianda.

Não se trata de representar o animal morto, mas antes de uma afinidade, ressonâncias ou simpatia a partir de uma comunicação intensiva que gera indiscernibilidades entre o homem e o animal. É o devir-animal do homem. É antes a dor, as cicatrizes, a mortalidade que criam uma via intensiva de comunicação entre homem e animal e possibilitam seu acoplamento, suas zonas de indiscernibilidade. “A vianda é a zona comum do homem e do bicho” (DELEUZE, 2007, p. 31).

Se o açougue afetava Bacon não é por representar algo, mas por promover um “devir-animal”, por ser contaminado pela mortalidade e suas acrobacias. Dos devires se produzem semióticas gaguejantes. Signos que buscam dizer o indizível, exprimir o inexprimível. É em relação com as semióticas maiores que elas gaguejam. Isso porque, os esquemas de representação estabelecidos são furados, torcidos, gerando monstruosidades na relação com o modelo dominante.

Em aliança com a literatura de Kafka, Deleuze & Guattari (2014) encontram uma série de aliados para pensar uma comunicação intensiva e uma semiótica gaguejante. Em investigações de um cão, texto de Kafka, não se trata de representar um cão, mas antes intensificar a existência humana a partir de um devir-cão. É senão a solidão canina em sua dimensão simpática-melódica que possibilita o devir, a bricolagem e a indistinção

---

entre homem e cão. Da mesma forma o inseto em a metamorfose ou a máquina burocrática em o processo.

Como uma comunicação intensiva e uma semiótica gaguejante poderiam ser pensadas no exemplo da sala de aula? Partindo da linha molar, do território, o tédio das aulas convencionais afetam os alunos, e, por consequência, o professor que percebe os indícios do desinteresse na face dos alunos. O professor fita um aluno. Ele escuta música em um *headphone*, fugiu.

Em uma linha molar, o professor pediria ao aluno que desligue, ou mesmo, que se retire da sala. As linhas molares trazem uma série de dispositivos estabelecidos de penalidades e ordens.

Mas se fosse operada uma comunicação intensiva? Se fosse experimentada uma outra relação com a música? E se a houvesse um devir-música da educação?

O professor, portanto, intui a conveniência e simpatia entre a educação e a música. Trata-se de capturar a música para dentro da educação. O professor, então, propõe os alunos uma composição coletiva. Cada grupo vai ficar responsável por musicar uma abordagem teórica.

Na outra aula, o professor chega com um baixolão e um pedal que emula os sons de uma bateria. Decide-se tomar como base a música: Que país é esse?! Do grupo Legião Urbana. A experiência funciona, um acontecimento educacional. Não se trata mais de professor-aluno, são compositores; e teóricos; e cantores; e batedores de palma.

São fluxos de uma semiótica gaguejante. Nietzsche; e Freud; e Jung; e Peirce; e Deleuze; gaguejam com Renato Russo. De vez em quando alguém aparece na janela da porta: “Isso é uma aula? Ou “Aqui não é lugar para show de rock”, fala um colega professor brincando.

#### Considerações finais

Acreditamos que a filosofia de Deleuze e Guattari possui veredas frutíferas para pensar com a comunicação. É verdade que Deleuze e Guattari apresentam uma série de críticas à comunicação. No entanto, trata-se de um agenciamento específico de comunicação molar que produz semióticas significantes-dominantes-redundantes-controladoras-maiores.

---

Nesse sentido, é possível pensar em agenciamentos de comunicação intensiva que promovam a renovação das sensibilidades a partir da produção de semióticas gaguejantes. O que pode a comunicação? Experimentemos com cautela.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002
- CAVALCANTE, Diego Frank Marques. Por um Procedimento interdisciplinar em Comunicação. A criação de conceitos com a filosofia da diferença de Gilles Deleuze. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016
- CAVALCANTE, Diego Marques. *O procedimento de criação: imanência e produção da diferença em Gilles Deleuze e Félix Guattari*. Revista Trágica: filosofia da imanência. Vol.13. N.3. 2020.
- CAVALCANTE, Diego Frank Marques. **Pensar com a arte:** por uma estética da sensação em Deleuze e Guattari. Prometheus: Journal of Philosophy. Setembro, 2022.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Tradução de Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luís Orlandi e Roberto Machado. São Paulo. Graal, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas*. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo. Ed 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 02. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo. Editora 34. 1995.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo, Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo. Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2014.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro. Zaar, 2019.

